

# Pólo de Cinema gera migração

*Projeto já atrai produtores, cineastas e videomakers dos grandes centros e do exterior*

**Geralda Fernandes**

O Pólo de Cinema e Vídeo começa a sair do papel e já atrai um novo tipo de migração para o Distrito Federal. O interesse de produtores, cineastas, videomakers, artistas de outros estados e mesmo do exterior, em busca de convênios e do mercado de trabalho, manifesta-se junto ao governo e instituições locais. A comunidade artística de Brasília, por sua vez, procura novas formas de ação, através da reabertura e implantação de cursos, intercâmbios e criação de uma cooperativa para garantir espaço no mercado que está se abrindo.

Embora a maioria considere que os brasilienses devam, de alguma forma, ser contemplados, há consenso de que a princípio, período classificado como de "transição", a vinda de pessoas experientes e novas tecnologias será necessária. A primeira entidade internacional a manter contatos para atuar em Brasília foi a Fundação Européia dos Realizadores de Imagem e Som, da França. Seu presidente, Jack Gajos, em visita ao Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE) da Universidade de Brasília e à comissão do Pólo de Cinema, declarou o interesse da entidade em construir um centro de treinamento profissional na área técnica e de apoio.

O primeiro edital para investimento em vídeos, a ser lançado no próximo dia 4, é um dos motivos que antecipa a migração. Segundo o presidente da Associação dos Produtores de Artes Cênicas (Apac), o produtor e ator Alaor Rosa, com o pólo de Cinema muita gente começa a pesquisar como é a situação em Brasília, como morar, custo de vida, mas a migração só vai se intensificar a partir do ano que vem, com a legalização. "Vai haver uma grande concentração de estrelas de direção e atores e o mercado local vai sofrer um colapso se não houver leis de amparo à produção local", disse.

## Vídeo

O cineasta B. de Paiva afirma que, hoje, o País não dispõe de bons técnicos nem equipamentos modernos para a realização de grandes filmes e defende, inclusive, convênios com organismos internacionais para uma boa formação profissional. "É necessário trazer pessoas que dêem uma boa formação técnica", disse. Como exemplo da migração, ele cita que os cineastas Nelson Pereira dos Santos e Ana Maria Magalhães "ultimamente não saem de Brasília". Ele acrescenta que teme um "tráfico de influência como aconteceu na época da Embrafilme" se não houver uma análise profunda. "Sem isso, o



*O novo espaço aberto pelo Pólo de Cinema e Vídeo já conseguiu atrair o interesse dos profissionais ligados à área cinematográfica*

cinema não terá sucesso", avalia. Segundo ele, o pólo do DF deverá desenvolver mais a parte de Vídeo.

Brasília, segundo B. de Paiva, tem bons atores de teatro e de cinema. "O mais sério é que não dispomos de estrutura com possibilidade de criar uma indústria de cinema com o que temos. Falta a força da mídia", analisa. E complementa que é importante o Estado criar cursos de aperfeiçoamento técnico, curso de música cinematográfica, formação de roteiristas e, principalmente, marketing. "Se não, será necessário trazer grandes nomes como Fernanda Montenegro, Paulo Gracindo, Tarcísio Meira e outros, e os atores de Brasília ficarão sempre com os segundos papéis", disse.

O músico Guilherme Vaz, um dos mais premiados com trilhas cinematográficas, vai mais além. Segundo ele, Brasília paga um preço muito alto por estar isolada do centro cultural, do País e do mundo, e se não forem criadas formas de distribuição do que for produzido "o

produto vai apodrecer nas prateleiras". Além de estimular a produção, é preciso que se crie novos canais de TV, estações de rádio e jornais no Entorno em busca de um mercado consumidor para não entrar numa areia movediça", disse.

Além do consenso de que Brasília tem bons atores, da falta de mão-de-obra profissional técnica e de estrutura e da necessidade da vinda de bons formadores, a comunidade artística do DF concorda com a escolha do melhor local, onde se possa produzir mais e melhor.

"O pólo tem de ser feito de uma maneira nova, inventar uma nova linguagem e uma nova maneira de produzir com alta qualidade", afirmou Guilherme Vaz. Segundo ele, existe na cultura brasileira uma simpatia pela obscuridade, pelo que não funciona e, se isso não for evitado, "o pólo vai se tornar uma escola de samba decadente". "Única solução é que seja aberto para o mundo e que o Brasil passe, de grande consumista, a ser um exportador", complementou.

Foto: Humberto Pradella